
Avenida da Igreja enquanto paradigma de espaço público em Alvalade

EURAU'12

ABSTRACT. UNDERSTANDING THE CONCEPT OF PUBLIC SPACE AS EXTENSIVE FACTOR THAT MAY EXTEND TO DIFFERENT SCALES, WE AIM TO UNDERSTAND HOW THAT APPLIES EVEN IN THE CONTEXT OF THE ALVALADE NEIGHBORHOOD, MORE SPECIFICALLY IN THE CHURCH AVENUE. AS A STRUCTURING ROAD AND MAIN ARTERY, IT STANDS OUT AS A MEETING POINT FOR NATURE, BOTH AS A RESIDENTS AND USERS, COMBINING TO THE INTENSE URBAN ACTIVITY THAT SHALL HER DAILY. UNLIKE WHAT USUALLY IDENTIFIES PUBLIC SPACE, IN ALVALADE WE CAN FIND AN AVENUE CAPABLE OF GENERATING PUBLIC SPACE, THAT WITHOUT FAIL OF ITS FUNCTION AS A MAJOR ELEMENT OF TRAVEL SHOWS UP AS MAIN COEXISTENCE PLACE OF HOME IN THE NEIGHBORHOOD. IT IS IMPORTANT MEASURING WHICH CHARACTERISTICS MAKE POSSIBLE FOR THE CHURCH AVENUE TO BE CONSIDERED PUBLIC SPACE OF ELECTION IN ALVALADE.

KEYWORDS: Public space; Commercial area; Block housing; Alvalade neighborhood.

Sofia Barroco*

**Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa
Rua Sá Nogueira – Pólo Universitário Alto da Ajuda, 1349-055 Lisboa, Portugal;
sofia.barroco@gmail.com
(+351) 916 221 601*

1. Introdução

O espaço público enquanto conceito de raiz social, por oposição ao espaço privado é constantemente associado a locais como praças, espaços verdes ou mesmo áreas resultantes da matéria edificada. Conceito extenso e de difícil caracterização (não havendo uma descrição linear do mesmo), importa lembrar que é igualmente aplicável em vias – ruas e avenidas – embora as mesmas não tenham como única função o uso do espaço enquanto área de lazer, sendo a sua função primária, a deslocação (automóvel e/ou pedonal). Objetiva-se deste modo, perceber qual o comportamento de uma via urbana enquanto geradora de espaço público na cidade. Para tal, e tendo como base de estudo o Bairro de Alvalade, pretende-se enquadrar e fazer o cruzamento entre o mesmo e o conceito de espaço público através da paradigmática Avenida da Igreja, enquanto artéria principal da vivência no bairro, além de elemento fundamentalmente estruturador do mesmo.

Alvalade destaca-se na cidade de Lisboa através da sua malha citadina facilmente identificável. Bairro de carácter essencialmente habitacional, que se desenvolveu com o Plano de Urbanização de 1945, apresenta-se atualmente como um conjunto de fatores de diversos modelos urbanos, reinterpretados e adaptados ao que se pretendia num bairro de cariz habitacional. Com distintos hábitos, modos de estar e apropriação de espaço, conjuga áreas habitacionais com áreas funcionais de uso diário, mantendo a coerência de conjunto e respondendo às necessidades diárias de residentes e utilizadores.

Deste modo, tendo em conta o conceito de espaço público que abrange não só áreas projetadas enquanto tal, mas igualmente zonas de transição ou deslocação, como ruas e avenidas, objetiva-se enquadrar o mesmo na Avenida da Igreja, Alvalade. Tal, permitirá clarificar o conceito de espaço público aplicado numa área destinada a diversas funções diárias e que não deixa, contudo, de ser um dos maiores pontos de encontro da cidade lisboeta.

2. Espaço público enquanto conceito urbano – A rua e avenida

“Não existem dois espaços iguais [...]. O bom desenho do espaço público deriva de um entendimento sistemático e avivado do lugar e do contexto ambiental, cultural, social, económico e político.” (BRANDÃO et al., 2002. 18)

Em oposição a espaços privados, que se apresentam enquanto locais com funções ou para um grupo de pessoas específicas, os espaços públicos de acordo com Habermas¹, designam o lugar de formação das opiniões e vontades políticas, garantindo a legitimidade do poder. São caracterizados por área pública que os configura enquanto espaços físicos da cidade, embora a sua caracterização continue dispersa e variada, consoante as distintas linhas de pensamento, são tidos como locais de encontro e exercício de cidadania. “Parece pois ser unânime, a ideia de que os espaços públicos de qualidade podem ajudar as cidades a criar e manter locais de forte centralidade, qualidade ambiental, competitividade económica e sentido de cidadania.” (BRANDÃO et al., 2002. 17)

Os espaços públicos são vistos como locais livres, socialmente aceites e com um padrão de uso coletivo, sendo facilmente reconhecíveis embora não sejam

¹Jürgen Habermas, filósofo e sociólogo alemão que segue as ideias da Escola de Frankfurt – Marxismo Cultural, superando o pessimismo que lhe estaria adjacente.

obrigatoriamente de domínio público. Podem organizar um território com diversos usos e funções, sendo espaços de continuidade e de diferenciação, ordenadores de um bairro, acima de tudo, articuladores da cidade. Espaços com duas bases fundamentais: sociedade e cultura, pressupondo uma ideia de partilha de informação entre diversas disciplinas, desde a sociologia, à psicologia, passando pela geografia e a arquitetura, das quais surgem as diferentes descrições dos mesmos.

Contudo, as características identitárias de um local, tal como dos espaços públicos, têm a ver com o modo como a população se relaciona e apropria o espaço, originando padrões de vida específicos que se refletem na configuração deste. O espaço público em si, reflete as interações sociais, as redes de poder e a importância que a sociedade atribui à coesão social e espacial. "[...] a forma (física) do espaço é uma realidade para a qual contribuiu um conjunto de factores socio-económicos, políticos e culturais." (LAMAS, 2000. 26) Não se poderá colocar de parte o facto de que o espaço público, além de criar a afinidade entre a configuração da malha urbana e os padrões de vida diária, é o local de convívio e trocas por excelência.

Importa referir que mais do que bens necessários à vida diária, são efetuadas trocas de ideias e pensamentos, que dão origem à base de uma sociedade e que permitem o desenvolvimento desta. A cidade contemporânea é cada vez mais demarcada por mutações constantes, como tal, é essencial perceber o papel integrador dos espaços públicos que permitem a ligação territorial e funcional da cidade, fundando e consolidando laços sociais que contribuem para a qualidade de vida dos seus utentes.

Em espaços públicos de qualidade reduzida ocorrem atividades estritamente necessárias, enquanto nos espaços de grande qualidade, estas decorrem com a mesma frequência, mas as pessoas dispõem de mais tempo na sua prática, existindo a tendência de ocorrerem maior número de atividades opcionais (SERDOURA e SILVA, s. d.). De tal forma, defende-se que os espaços públicos urbanos devem ser acessíveis a toda a população, sem restrições de idade, capacidade ou origens, promovendo um elevado grau de qualidade, proporcionando a possibilidade de se enquadrarem na malha da cidade enquanto unidades.

Os espaços públicos urbanos enquanto estruturas contínuas que importa gerir coerente e globalmente, relacionando com os fatores e agentes que integram e definem o ambiente das cidades, são de acordo com Brandão, et al. classificados em quatro grupos, sendo o primeiro constituído por parques urbanos / jardins públicos / áreas ajardinadas de enquadramento; o segundo por avenidas e ruas; o terceiro por praças / largos / praças / terreiros / recintos multifuncionais; e o quarto por espaços canais / vias férreas, autoestradas e vias rápidas / espaços públicos (cobertos ou não) / parques de estacionamento / margens fluviais e marítimas.

Importa no artigo em causa, aprofundar as características das avenidas e ruas enquanto espaço público. "*Streets in cities serve many purposes besides carrying vehicles, and city sidewalks – the pedestrian parts of the streets – serve many purposes besides carrying pedestrians.*" (JACOBS, 1961. 29) Enquanto conjunto de espaços lineares destinados fundamentalmente à deslocação e/ou permanência de pessoas e à circulação e estacionamento de veículos, o seu uso é misto. Este é feito por pessoas e veículos, com exceção de ruas de uso exclusivamente pedonal ou vias rápidas destinadas apenas a veículos. São distinguidas pela dimensão da seção transversal e pelos caudais de tráfego, enquanto a avenida é considerada a rua de maior relevância, cujo número de vias pode diferir, de forma a permitir a maior circulação de veículos.

“Dizer que nas mais diversas culturas as ruas das cidades são os locais de eleição para a sociabilidade pública e interacção urbana pode parecer uma afirmação demasiado óbvia.” (SIEBER, 2008. 47)

Jacobs (1961) refere que se pensarmos na cidade, o primeiro elemento que nos vem à mente, são as ruas. Vistas como dado adquirido da estrutura citadina, fornecem-nos mais do que uma base de deslocação, uma visão local da sociedade e cultura. Para assegurarem funções de circulação e convivência, devem a seu ver, ter três qualidades fundamentais que passam pela demarcação dos espaços públicos e privados, pelo olhar efetuado através dos proprietários naturais das mesmas até à garantia de que o fluxo de utilizadores seja contínuo, visto a vitalidade das mesmas se associar diretamente à existência contínua de utilizadores e lojas. (NUNES e BAPTISTA, 2008)

“A rua enquanto marca temporal (quando foi edificada) e marca social (quem e para quem edificar) abre espaço à convivência e à circulação, mas ajuda a definir uma nova fronteira entre os lugares de antes e os de agora, dos lugares de uns, aquém, e de outros, além.” (NUNES, 2008. 107)

A rua/avenida enquanto área pública, é definida como espaço de forma limitada, intermediária entre o edifício e o espaço que o envolve, sendo área acessível (pedonal e/ou automóvel), proporcionando um vínculo entre diversos edifícios, no qual circulam bens e pessoas. Os espaços públicos enquanto valores culturais que, consciente ou inconscientemente, influenciam a interação da população na sua envolvência, nas suas ações e reações, estendem-se desta forma não só ao conceito de grandes áreas abertas projetadas para o efeito, mas igualmente a ruas nas quais a função principal passa por pontos da cidade através da deslocação de automóveis e/ou pessoas, dado que “Uma rua é, de facto, algo que se dirige a um ponto.” (LYNCH, 1960. 109) recebendo uma pluralidade de funções secundárias.

3. Bairro de Alvalade: um plano integrado

O Bairro de Alvalade surge num contexto de carência habitacional e crescimento da cidade de Lisboa, através do Plano de Urbanização da Zona Sul da Avenida Alferes Malheiro – atual Avenida do Brasil. Baseado nos pressupostos que impulsionaram a construção de habitações a custos controlados e a expansão do norte da cidade, o plano do Arquiteto Faria da Costa, aprovado em 1945, contextualiza-se na consolidação do Regime do Estado Novo². (COSTA, 1997)

Num contexto próprio e com a junção de conceitos distintos, Alvalade foi construído em diversas fases de caráter experimental contrariando o que se verificava no desenvolvimento da cidade de Lisboa - urbanização anárquica de bairros e núcleos. Foi assim construído um modelo urbano distinto surgindo uma nova área de cidade projetada de raiz apoiada em planos urbanísticos que vão desde a Cidade Tradicional, a Cidade-Jardim, os *Siedlungs* Alemães e o Modernismo.

Interpretando e ajustando conceitos dos mesmos sem efetuar uma cópia, foi possível a coexistência das diferentes influências sem retirar a coerência de

²Composto pela arquitetura “Estilo Português Suave”, foi adotada pelo regime salazarista, com o objetivo de aplicar nas obras públicas uma arquitetura que transmitisse monumentalidade, enaltecendo o estado e fosse “genuinamente portuguesa”.

conjunto do Bairro, como os exemplos do zonamento funcional e unidade de vizinhança³ (Modernismo).



Fig.1: Avenida da Igreja, 1959.

Figura 1: Avenida da Igreja (1959). Fonte:

<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=563620&page=27>.

Limitado por uma área trapezoidal, o Bairro de Alvalade foi separado por vias principais, como o caso da Avenida da Igreja - Figura 1 - entre as quais se definiram oito células habitacionais, desenvolvidas em torno de um núcleo central correspondente a um equipamento escolar. Privilegiando e enfatizando a deslocação pedonal, o núcleo escolar não deveria distar mais de 500 metros às diversas habitações da célula correspondente, sendo facilmente alcançável através de percursos de curta extensão.

“Os espaços públicos interiores das células são constituídos fundamentalmente pelos diferentes tipos de vias (distribuição local, impasses e pedonais), por alguns espaços de logradouro (ou parte apenas) e pelas pequenas praças, espaços verdes e jardins, com frequência associados ao enquadramento de equipamentos.” (COSTA, 1997. 137) O núcleo central, além do equipamento escolar era constituído por uma considerável área verde pública que rodeava o mesmo, criando no centro de cada célula uma área de lazer que fazia parte do percurso pedonal.

Parte integrante de uma cidade de carácter acentuadamente simbólico (Lisboa) e com localização atrativa, Alvalade possibilitou a harmonia entre tipologias habitacionais e equipamentos funcionais coletivos, permitindo que a deslocação pedonal se tornasse privilegiada, embora secundada por sistemas de transportes públicos.

Para um universo de 45 000 habitantes, as unidades habitacionais apoiavam-se nas zonas de comércio, galerias e outros equipamentos de uso diário. Os trabalhos de

³Zonamento funcional é a operação que se realiza sobre um plano urbano com fim de destinar uma função a cada área distinta, tem como base, a discriminação das diversas atividades humanas (CORBUSIER, 1973). Unidade de vizinhança surge de forma mais clara com Clarence A. Perry e a ligação com o Plano Regional de Nova York, enquanto extensão física do ambiente do lar. Depende fundamentalmente da densidade habitacional e deve ser quanto possível autossuficiente, de modo a que os membros da sociedade sejam postos em contato uns com os outros, para seu benefício mútuo. (CARDOSO, 1958)

construção iniciaram-se nas células habitacionais um e dois e na célula comercial três, enquanto apoio comercial às duas primeiras. "A unidade de imagem dos conjuntos edificados constitui, no Bairro de Alvalade, um factor de caracterização do seu espaço público, contribuindo para a uniformização das suas unidades morfológicas e para a criação de zonas de diferente identidade." (COSTA, 1997. 142)

Além das áreas arborizadas que envolviam o equipamento escolar de cada célula, as zonas de passeio pedonal para eixos estruturantes foram objeto de dimensionamento generoso no plano. Recebendo arborização ao longo dos passeios, que se associa à zona verde privada na proteção dos edifícios, contra o tráfego automóvel, criaram não só agradáveis locais de deslocação pedonal, como espaços de permanência apoiados por mobiliário urbano, como o caso de bancos de jardim, que conseguem usufruir de sombreamento natural em grande parte do ano.

O Bairro de Alvalade, símbolo moderno em Lisboa nos anos 50 e 70 teve como princípio o fato de ser o primeiro bairro integrado, com capacidade não só de agregar diversas características de modelos urbanos, como diferentes estatutos sociais conseguindo, contudo, adquirir coesão enquanto unidade urbana. Apesar de projetado com o objetivo de responder à carência habitacional da época, verificou-se que não só pelas suas tipologias habitacionais, mas igualmente pela sua área comercial e espaços públicos, foram-lhe conferindo uma identidade cada vez mais reconhecível, sendo Alvalade uma das áreas mais procuradas de Lisboa.

4. Avenida da Igreja: espaço público de eleição em Alvalade



Fig.2: Largo da Igreja São João de Brito, 2012.

Figura 2: Largo da Igreja São João de Brito, Alvalade (2012). Fonte: fotografia de autor.

A denominação de Avenida da Igreja surge da Igreja de São João de Brito (Figura 2), enquanto centro emocional da freguesia e lugar simbólico do bairro, datando do edital de 19 de Julho de 1948. Conhecida pelo seu carácter essencialmente comercial, é tal como a Avenida de Roma ou a Avenida do Brasil, forte presença no bairro. Constituída por edifícios de uso misto, com piso térreo de comércio e restantes para fins habitacionais, equivalendo a uma visão integradora da sociedade. (CARVALHO, 2010)

"A opção urbanística de oferecer "frente de rua" às habitações económicas no troço poente da Av. da Igreja, entre o Campo Grande e a Av. de Roma, [...] (para dar

lugar a comércio térreo e habitações maiores nos pisos superiores), promoveu desde a origem um equilibrado convívio entre classes sociais.” (CARVALHO, 2010)

A integração desta via estruturante do plano recaía num uso mais recolhido, sendo virada para funções de permanência e de comércio local, não se destinando exclusivamente ao atravessamento automóvel. Através de passeios laterais de dimensão significativa, espaços de transição entre o interior dos edifícios e a rua, é fornecida a resposta à necessidade de diferenciar um espaço de deslocação e permanência para os habitantes e visitantes do bairro.

Na criação do bairro, a Avenida da Igreja enchia-se de pessoas aos Sábados, dia em que os moradores não prescindiam da rotina de beber o café, comprar o jornal e falar com os amigos, aproveitando os tempos livres. Enquanto grande centro de atratividade que transbordava para ruas perpendiculares, nas primeiras décadas da sua existência, um dos momentos mais festivos na Avenida, era a “Corrida dos Ofícios” – Figura 3. Ocorria no fim do mês de Julho e integrava-se nas festas da cidade. “Eram milhares de pessoas que se apinhavam na avenida para verem cantoneiros, engraxadores, varinas, ardinhas, empregados dos cafés, carteiros, a disputarem as provas que os fariam reis, por um ano, da sua actividade profissional.” (PRÓA et al., s.d.. 83) Festejo que se perdeu ao longo dos tempos, o último acontecimento foi anos 90, na tentativa de recordar uma festa do passado, evocando memórias de convivência na avenida.



Fig.3: Corrida dos Empregados de mesa, 1955.



Fig.4: Engraxador de sapatos, 2012.

Figuras 3 e 4: “Corrida dos Ofícios” e Engraxador de sapatos, Avenida da Igreja (1955 e 2012).
Fonte: Arquivo Fotográfico de Lisboa e fotografia de autor.

Atualmente, os primeiros moradores, em idade avançada vivem a sua reforma aproveitando os largos passeios ou os já tão conhecidos cafés da avenida, enquanto outros passeiam frente às diversas lojas comerciais, muitas vezes para encontrar conhecidos a fim de entabular uma animada conversa sobre o estado do país e da vida em geral.

A Avenida da Igreja, mais do que uma área de acessos que permite o atravessamento do bairro, quer no interior das células que a mesma limita (célula três e cinco) através das ruas transversais, quer no restante bairro, representa igualmente um espaço de convívio. As lojas que pontuam os pisos térreos dos edifícios revestem-se de cores e de vida, cimentando relações entre os seus utilizadores, muitas apropriando-se da frente no passeio para expor artigos de forma apelativa, convidando quem passa a entrar no estabelecimento.

Na sua configuração física, os passeios pedonais propositadamente largos, conforme descrito anteriormente, contém árvores de grande porte, pontuados por

bancos de jardim, nos quais é comum encontrar pessoas. O movimento pedonal é intenso durante todo o dia, contudo, não se pode deixar de referir que o tráfego automóvel é igualmente elevado, sendo frequente encontrar vários carros estacionados, nas duas margens da rua.

Percorrendo a avenida encontram-se os designados vendedores de rua, que se apropriaram de pequenos espaços no passeio pedonal, instalando em locais estratégicos (geralmente ocupando a mesma área diariamente) as suas ferramentas de trabalho. No caso do engraxador, material para engraxar sapatos manualmente – figura 4; o monociclo com a palete de fruta, no exemplo da vendedora de morangos, cerejas, entre outra, ou os cestos de flores, no caso do florista de rua. São pessoas que já fazem parte do contexto comercial da avenida, que à sua maneira, adquiriram não só um espaço de trabalho, mas também de socialização, aproximando-se das pessoas que diariamente percorrem a mesma, quer seja para se deslocarem para o trabalho ou apenas por passeio.

"(...) outdoor activities in public spaces can be divided into three categories, each of which places very different demands on the physical environment: necessary activities, optional activities, and social activities." (GEHL, 1987. 11) Enquanto Gehl afirmou ser possível dividir as atividades do espaço público em três categorias, verifica-se que as mesmas são igualmente aplicáveis na Avenida da Igreja.

Nas atividades básicas, é usual encontrar pessoas a deslocarem-se para o trabalho, a trabalhar efetivamente (como os casos anteriormente enumerados), à espera dos transportes públicos, ou seja, desenvolvendo tarefas necessárias ao dia-a-dia. Por sua vez, as atividades opcionais, conforme a própria designação indica, dependem da opção pessoal de cada pessoa, estão contudo, intrinsecamente ligadas com a capacidade que o espaço tem para as promover; na Avenida da Igreja é comum encontrar pessoas sentadas em esplanadas ou nos bancos exteriores, aproveitando momentos de lazer, com um livro/revista, bebendo um café ou mesmo passeando ao longo da avenida.



Fig.5: Avenida da Igreja, 2012.

Figura 5: Avenida da Igreja (2012). Fonte: Fotografia de autor.

Destaca-se, contudo, as atividades sociais. Via constantemente movimentada, promove as atividades em comunidade, quer sejam através de conversas entre utilizadores ou mesmo apenas pela observação de terceiros. As atividades sociais ocorrem em distintos locais, quer sejam interiores ou exteriores, decorrendo

espontaneamente, como consequência direta das pessoas se moverem no mesmo espaço. Salienta-se desta forma, que graças à qualidade dos espaços que constituem a avenida, mais do que atividades necessárias, são constantemente desenvolvidas atividades opcionais.

O elevado número de estabelecimentos comerciais, de distintas naturezas utilitárias, essencialmente os de restauração acompanhados com esplanadas que se estendem aos largos passeios e usufruem ora do sol, ora da sombra das árvores que ladeiam a avenida, caracterizam a mesma enquanto área privilegiada de compras, encontro ou passeio, conforme se verifica na Figura 5, conferindo a fácil identificação, apropriação e vivência da mesma na vasta extensão do bairro. Tal, assegura diferentes trocas entre a sociedade, de acordo com um dos princípios caracterizadores de espaço público.

Dos distintos espaços do Bairro de Alvalade projetados enquanto área pública de uso diário, afigura-se deste modo legítimo eleger a Avenida da Igreja enquanto espaço público privilegiado, devido às características cimentadas ao longo do tempo e ao seu caráter constantemente apelativo. Se outrora se desenvolviam atividades em dias festivos, reunindo pessoas por toda a avenida, atualmente, mesmo sem a realização destas, a rua continua cheia de vida e pessoas, mantendo ativos os diferentes níveis de atividades constituintes de um espaço público.

5. Conclusão

É possível identificar ao longo do artigo diferentes conceitos de espaço público. Estes mesmos fazem-no parecer um conceito definido e encerrado em torno de características rígidas que se apoiam nas funções de trocas, lazer e/ou permanência. Contudo, discorda-se que o espaço público enquanto conceito esteja devidamente encerrado, que não seja possível adicionar-lhe mais definições ou particularidades. Do espaço público fazem parte uma infinidade de lugares, espaços, elementos e quiçá emoções. No artigo em causa foi possível verificar que uma avenida, mais do que uma artéria de deslocação que compõe a cidade na qual nos movimentamos diariamente, consegue adotar a forma de espaço público privilegiado dos seus utentes.

A rua enquanto espaço público que confere à cidade uma dimensão humana, permitindo que as pessoas observem à medida que nela se deslocam, representa mais do que a união de locais na malha cidadina. Sendo a sua função principal a deslocação, pedonal ou automóvel, é frequente que seja igualmente caracterizada por áreas de comércio, lazer ou mesmo de ponto de encontro entre utilizadores, enriquecendo a vivência da cidade e colocando à disposição do utente distintas atividades e funções dispostas ao longo de uma determinada extensão.

A Avenida da Igreja responde aos distintos níveis de atividades que um espaço público promove, permitindo a coabitação de pessoas distintas diariamente. Numa cidade construída para um elevado número de pessoas com antecedentes variados, temperamentos e ocupações diversas, verifica-se que a avenida enquanto rua de maior relevância do bairro, assume igualmente o papel de espaço público privilegiado, unindo sociedades e culturas através da apropriação e uso do espaço, não apenas enquanto via de deslocação, mas igualmente como área de concentração de costumes e atividades diárias.

6. Bibliografia

BRANDÃO, Pedro, CARRELO, Miguel, ÁGUAS, Sofia . *O chão da cidade. Guia de avaliação do design de espaço público*. Lisboa, Centro Português do Design, 2002.

CARDOSO, José de Matos. Aspectos sociais da unidade de vizinhança como elemento de urbanização. Coimbra, Ministério das Obras Públicas, Direcção Geral dos Serviços de Urbanização, Centro de Estudos de Urbanismo, 1958.

CARVALHO, António. Habitação de interesse social no Bairro de Alvalade. <http://infohabitar.blogspot.pt/2010/09/habitacao-de-interesse-social-no-bairro.html> [consultado em Maio, 2012]

COSTA, João Pedro. Bairro de Alvalade: Considerações sobre o urbanismo habitacional – Vol. I e II. Lisboa, Faculdade de Arquitectura – Universidade Técnica de Lisboa, 1997.

CORBUSIER, Le. *Princípios de urbanismo (La carta de Atenas)*. Espanha, Editorial Ariel, S. A., 1973.

SIEBER, Tim. "Ruas da cidade e sociabilidade pública: um olhar a partir de Lisboa" IN CORDEIRO, Graça Índias, VIDAL, Frédéric (Orgs.) *A rua – Espaço, tempo, sociabilidade*. Lisboa, Livros Horizonte, 2008.

GEHL, Jan. *Life Between Buildings, Using Public Space*. Arkitektens Forlag, 1987.

JACOBS, Jane. *The death and life of great american cities*. New York, Vintage, 1961.

LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. Lisboa, Edições 70, 1960.

NUNES, João, BAPTISTA, Luís. "A rua, lugar físico construído" IN CORDEIRO, Graça Índias, VIDAL, Frédéric (Orgs.) *A rua – Espaço, tempo, sociabilidade*. Lisboa, Livros Horizonte, 2008.

PRÔA, A. P., FONSECA, J. C., FONSECA, P. V. da. *Freguesia de São João de Brito 1959-2009*. Lisboa, Junta de Freguesia de São João de Brito.

SERDOURA, Francisco, SILVA, F. Nunes da. Espaço público. Lugar de vida urbana. http://www.uminho.pt/cec/revista/Num27/n_27_pag_5-16.pdf [consultado em Maio, 2012].

7. Biografia

Sofia A. D. Barroco, arquitecta pela Universidade Lusíada de Lisboa (2007), Mestrado Integrado com a dissertação *Mutações: Tempo, sociedade, estrutura urbana e projecto*, segundo processo de Bolonha (2007). Exerce atualmente a profissão na empresa Tecnitectos desde 2010 e desenvolveu atividade profissional no *atelier* Chau Arquitecta Lda. desde 2008 a 2011. Investigadora do Centro de Investigação em Arquitectura, Urbanismo e Design – CIAUD da Faculdade de Arquitectura – UTL, onde desenvolve doutoramento explorando a temática da evolução da habitação suportada pelas estratégias espaciais do Plano de Alvalade (1945, Lisboa), tendo em conta as diversas escalas do habitar.